



Dissonância

revista de teoria crítica

ISSN: 2594-5025

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Universidade Estadual de Campinas

www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/teoriacritica

Título	Resenha de do livro <i>Desobedecer</i> (2017), de Frédéric Gros
Autor	Danillo Avelar Bragança
Fonte	<i>Dissonância: Revista de Teoria Crítica</i> , v. 3 n. 1, Dossiê Desobediência Civil, Campinas, 1º Semestre de 2019.
Link	https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/teoriacritica/article/view/3543

Formato de citação sugerido:

BRAGANÇA, Danillo Avelar. “Resenha de do livro *Desobedecer* (2017), de Frédéric Gros”. *Dissonância: Revista de Teoria Crítica*, v. 3 n. 1, Dossiê Desobediência Civil, Campinas, 1º Semestre de 2019, p. 337-344.

RESENHA DE *DESOBEDECER*, DE FRÉDERIC GROS

Danillo Avelar Bragança¹

Resenha de *Desobedecer*, de Frédéric Gros (Trad. de Célia Euvaldo. São Paulo: Ubu editora, 2018).

*“Não quero regra nem nada
Tudo tá como o diabo gosta, tá,
Já tenho este peso, que me fere as costas,
e não vou, eu mesmo, atar minha mão.*

*O que transforma o velho no novo
bendito fruto do povo será.
E a única forma que pode ser norma
é nenhuma regra ter;
é nunca fazer nada que o mestre mandar.
Sempre desobedecer.
Nunca reverenciar.”*

(Belchior, “Do jeito que o diabo gosta”)

Os nomes diferem. Castells fala em ruptura, Celso Rocha de Barros fala em recessão democrática e Achille Mbembe fala

¹ Doutorando em Ciência Política na Universidade Federal Fluminense (UFF). Contato: profdanillobraganca@gmail.com.

de o fim do humanismo. No geral, todos concordam com a certeza da mudança que os nossos tempos vêm nos trazer, e quase todos são uníssonos em demonstrar sua toxicidade. A discórdância talvez esteja na extensão, no tamanho do problema.

Alguns se concentram no diagnóstico, função primordial na ciência dos desastres, que é o que basicamente se tornaram estas áreas do conhecimento, da Filosofia às Sociais mais aplicadas. Outros se concentram no tratamento, elemento crucial no desatar dos nós que sufocam a contemporaneidade. O livro de Frederic Gros, *Desobedecer*, que aqui se analisa, está na linha dos últimos, mas é o que poderíamos chamar de tratamento de amplo espectro. O ciclo completo da questão do poder, do seu exercício até a sua resistência e desconsideração, é contemplado na investigação do autor francês, já famoso antes por textos como “Estados de violência”.

A versão de Gros talvez seja outra, mas aqui o espaço é importante para fazer uma breve observação sobre o que vivemos hoje. É na encruzilhada entre neoliberalismo, democracia e segurança que está o gargalo. A pós-democracia é, na verdade, um grande (mal) ajambrado de um modelo de sujeito autogerente da própria opressão, em nome de uma produtividade que pertence ao mercado mas que internaliza como meta própria. Este sujeito mora em cidades cada vez mais violentas, ilhas cercadas de ameaças por todos os lados inclusive o lado de dentro, onde os direitos também são reificados e, afim de manter o nível de segurança sempre razoável, é preciso trocar partes grandes de sua liberdade em troca da própria existência.

Este indivíduo está sempre endividado, sempre doente, deprimido, porém *fitness*. Os planos que homens de negócios internacionais como Jack Ma lhe apresentam um futuro com 12 horas de trabalho diário mas há uma salvação (quase) espiritual em trabalhar deste jeito até morrer, pois não há aposentadoria. Só existe quem tem direito, e este é o norte das novas democracias e esse direito é tão caro e inacessível como jamais foi. Este é o momento de maior ofensiva do capital contra as pessoas, que na verdade, nunca tiveram uma relação lá muito boa, mas essa ofensividade atual, fruto talvez da crise de 2008, surpreende pela profundidade da violência e da complexidade de sua crueldade.

O autoritarismo cresce em ritmo acelerado em todo o mundo. Quando não é um autoritarismo velado, expresso, como o dos Duterte, é um autoritarismo tolo, chulo, inapto, como o dos Trump e dos Bolsonaro. Mais: quando não é o autoritarismo do tipo pessoal, carismático, é um tipo racional-legal de autoritarismo transvestido à lógica neoliberal, dos Macron, mas que também pode ser bobo, incapaz, caricato, como o de Theresa May, que não sabe bem o que vai fazer com o plebiscito que inexplicavelmente deverá tirar a Inglaterra do Pacto Europeu.

Aqui está mais ou menos a resposta que Gros dá à pergunta mais aguda de sua investigação, e aqui voltamos a ele: o que leva o sujeito obedecer leis absolutamente injustas contra si mesmo e contra os outros, em situações como estas citadas acima?

O livro é muito bem editado, seu manejo é bastante agradável. Faz parte uma coleção da Ubu Editora chamada *Exit*, que traz outros lançamentos importantes para a área da Teoria Crítica. Estão publicados nesta coleção Evgeny Morozov e seu *Big Tech*, Franco Berardi e seu *Depois do futuro*, Marshall Sahlins e o seu *Esperando Foucault, ainda*, o neurocientista Jonathan Crary e um estudo profundo sobre o controle do sono nas sociedades pós-capitalistas, a economista Deirdre McCloskey e o seu *Pecados secretos da economia*, uma coletânea de textos de Christian Dunker, intitulada *Reinvenção da intimidade*, além do próprio Gros, conhecido pela temática da violência, da postura crítica e do trabalho com as fontes filosóficas, que ficam bastante evidentes no texto. A tradução de Célia Euvaldo é muito boa, e segue a linha geral das traduções da coleção *Exit*, o que precisa ser louvado sempre.

Gros lança mão de um percurso conhecido para lidar com o tema da desobediência civil. São ensaios, no geral, e, na maior parte das vezes, carecem de conexão uns com os outros. Isto é produtivo, porque permite ao leitor variar ainda mais sua interpretação. Se o método pluraliza as possibilidades do texto, o percurso teórico não faz o mesmo.

Re-leituras no geral são este percurso. Destrinchar o caso Eichmann a partir de outros instrumentos, neste contexto, não traz nenhuma novidade – quando escrevo isto, penso em Byung-Chul Han invertendo os sinais e apontando a sociedade contemporânea como o reino da positividade, e não da negatividade, como costumamos entender. Há relação entre Eichmann, Thoreau e, como aponta Gros, Platão, que são os três

eixos principais de sua investigação. O conceito de inversão das monstruosidades, feito como resposta à banalidade do mal de Hannah Arendt, pode talvez representar uma mudança, mas deverá caber ao leitor entender a profundidade desta mudança. Mas, como esforço geral da compreensão sobre o livro, é preciso discorrer aqui sobre as re-leituras e as opções de Gros neste livro.

Recorrer a Henry David Thoreau para respondê-la é um belo aceno à ação, e já demonstra a pegada de Gros, mas que infelizmente morre aí mesmo no campo dos sinais distantes que fazemos às coisas. Em tempos de *gilet jaunes*, estudantes em greve fechando o trânsito dos transportes públicos em Londres contra o aquecimento global, ascensão irresistível dos movimentos feministas, LGBTQ+ e a volta do anarquismo, Gros poderia ter sido mais contundente, ainda que tenha escrito seu livro antes do fenômeno dos coletes amarelos e de Greta Thunberg. É inevitável ter que mencionar a terceira e quarta onda do feminismo e a entrada definitiva destas pautas no jogo político e no debate público, mas essa menção não é feita.

A solução da “democracia crítica”, conceito que de alguma maneira encerra o esforço de Gros neste texto é ensinada a qualquer alunx de Filosofia do primeiro ano do Ensino Médio – o que não deixa de ser perigoso, tamanho é o medo que os governos da ultra-direita têm da educação como instrumento de libertação. No geral, a ideia de uma postura crítica à própria democracia é fundamental, assim como a todas as coisas que existem, mas que neste momento, representa uma

empresa questionável, já que diante da opção autoritária que aí está, qualquer forma de democracia real é muito mais aceitável.

O comentário sobre o julgamento de Adolf Eichmann, já feito muitas vezes, traz pouca novidade. É claro que o mal está banalizado e sempre foi assim, provavelmente. O enquadramento do mal ao conjunto mecânico do neoliberalismo é parte desse novo sujeito auto-gerente da própria opressão, em que o mal serve para cumprir bem o escopo de um projeto, na linha do que se diz no mundo corporativo, que qualquer coisa pode acontecer menos o deadline estourar. Como passamos os nossos dias produzindo planilhas de *Excel*, somos como operadores de drones usados em larga escala no Oriente Médio. De fato, o operador não está presente, mas a muitos quilômetros de distância numa sala fria com um *joystick*, enquanto mata sem o peso moral do assassinato, completamente esvaziado pela lógica da tecnologia.

A resistência ética, outra solução de Gros, não é suficiente. A democracia crítica tampouco vai fazer interromper a máquina antropológica de produção desses sujeitos, muito menos sabotá-las. Talvez seja esta a posição de Gros em relação ao que podem fazer os autores, os cientistas dos grandes desastres que nos tornamos. Canetas já foram mais explosivas mas hoje quase não escrevemos os textos que escrevemos. Os dois conceitos acenam para um comportamento quase que atomizado por inteiro, tratado como valor do homem e não da coletividade. A postura crítica é uma postura individual por natureza, postura do indivíduo que se emancipa, comportamento geral que deve ser reconhecido nos sujeitos como sendo

inerente a eles, e não o contrário. A obediência é a primeira postura, parece nos dizer Gros, mas é preciso então entender porque obedecemos.

Mas por que obedecer se são tantos os motivos para se revoltar? Me parece que a pergunta central não é inteiramente resolvida, como também não é a questão da dominação e do poder. Há um gap, e toda vez que tivermos novas estratégias de resistência, as técnicas de dominação estarão já muito a nossa frente.

Podemos contemplar esta existência com formas sub-reptícias de resistência, como o cantar, o poema, a própria desobediência crítica, a desobediência civil, ou formas menos contidas, que talvez sejam mais eficientes. Se não puder deprender ou xingar o patrão, virar uma viatura, quebrar uma vidraça, tacar fogo em lixeira, destruir radar, incendiar uns pneus, apedrejar um banco, pichar um fora temer, xingar o Crivella no *Twitter*, *hackear* o Doria, ajudar o amigo com vinagre, desfazer amizade, carta-bomba, arrancar tapume, arrebenatar o ponto de ônibus, rabiscar no ônibus, colar adesivo em poste, virar a grade, pular a roleta, ir pro trabalho e não trabalhar, bruxaria, doar sangue, pequenos atentados, publicar o endereço de fascista na internet, ensinar o que é a mais-valia e a guerrilha, compartilhar, dar apoio legal para os presos, fazer um cartaz, alimentar o mendigo, pintar a escola pública, doar roupa pra Cáritas, orar, botar o Sarney pra correr, despistar o infiltrado, cantar a plenos pulmões, virar o poste e travar o trânsito, tumultuar a repartição, entregar o machista no RH da empresa, dar carona solidária, usar o voucher do aplicativo pra ir pra

manifestação, jongo, barbarizar no grupo do *whatsapp* da família, encarnar o Marighella, montar piquete, explanar no *whatsapp* do Crivella, beijaço gay, performance de cu, poesia incendiária, flambar ônibus, constranger o colega fura-greve, inundar a *timeline*, esculhambar o primo pelego, montar uma *hashtag*, incentivar a organização de alunos, de operários, ofensa, montar uma reunião com pais insatisfeitos, não comprar o jornal, carbonizar a Câmara dos Vereadores, ciranda, reza braba e amarração, invadir o espelho d'água do congresso, arco-e-flecha, estilingue, coquetel molotov, pedra, camisa na cara e o diabo no corpo, pelo menos resista.

A leitura é uma destas formas e é definitivamente o começo de tudo. Gros poderia ter apresentado mais, mas não deixa de ser uma boa introdução.

Recebido em 17/04/2019, aprovado em 07/08/2019 e publicado em 10/01/2020